

A EXTENSÃO COMO *LOKUS* FORMATIVO: EXPERIÊNCIAS DE UM PROJETO

ALINE SOARES ARAUJO¹; HELENARA PLASZEWSKI²

¹Universidade Federal de Pelotas1 – alines.araujok@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – helenara.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária pode ser compreendida como um processo metodológico que, através do trabalho com a comunidade e com a pesquisa, busca referências para problemáticas reais da sociedade. A partir disto, gera-se uma rede de interações mútuas, entre os conhecimentos do instituto superior e da comunidade em geral (DALCIN; AUGUSTI, 2016).

Neste sentido, a Constituição de 1988 possui um papel central na história do desenvolvimento da extensão acadêmica: é a partir do Artigo 207 que se consagra o fundamento da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, tornando-se esta um notável instrumento de mudança social e considerada indispensável no processo formativo dos discentes na Universidade (GADOTTI, 2017).

Assim, em consonância com as concepções do educador Paulo Freire, que analisa criticamente o termo central deste trabalho:

[...] o objetivo fundamental do extensionista, no trabalho de extensão, é tentar fazer com que aqueles substituam seus “conhecimentos”, associados a sua ação sobre a realidade, por outros. E estes são os conhecimentos do extensionista (FREIRE, 1983, p. 14).

Entretanto, segundo o educador, a extensão educativa com caráter libertador deve ser compreendida como uma via de mão-dupla, com trocas mútuas e democráticas entre o corpo social e os extensionistas, e não como uma transferência estática e mecanicista do conhecimento acadêmico. É uma prática de comunicação, não de simples difusão do conhecimento.

Sob esse viés, ainda seguindo o raciocínio de Paulo Freire, observa-se a relevância de pensar a extensão por uma perspectiva não assistencialista, que segundo Gadotti (2017, p.2) “é uma teoria do conhecimento fundamentada numa antropologia que considera todo ser humano como um ser inacabado, incompleto e inconcluso, que não sabe tudo, mas, também, que não ignora tudo.”

Levando em conta as questões supracitadas, o presente trabalho tem o objetivo de analisar e refletir sobre a extensão como espaço formativo, a partir da atuação de uma licencianda contemplada com uma bolsa de iniciação à extensão e cultura no projeto denominado “VI Seminário de Inovação Pedagógica: aproximações entre inovação e neurociência aplicada à educação”, em desenvolvimento entre maio e dezembro de 2022.

2. METODOLOGIA

Esta investigação concebe sua metodologia em um cunho qualitativo, na qual o objetivo central é a compreensão e análise aprofundada de significados teóricos, de grupos, organizações ou questões sociais, sem levar em conta, de

maneira central, as representações puramente numéricas (GOLDENBERG, 1997).

Desta forma, analisa-se a extensão como processo formativo a partir do Projeto de Extensão mencionado, que possui como objetivo possibilitar um espaço- tempo para reflexões teórico-conceituais e para socialização de experiências de práticas pedagógicas inovadoras, articulando a correlação entre a Educação Básica e a Universidade, na formação acadêmico-profissional da área da educação. Isso ocorre a partir do envolvimento de escritas, leituras e releituras de registros redigidos, que são discutidos em “Rodas de ConversAção”, tendo como princípio a dialogicidade, a relação teórico-prática e o processo de reflexão-ação-reflexão.

Os espaços finais de diálogo ocorrerão em dezembro de 2022 na sexta edição do evento formativo remoto VI SIP (Seminário de Inovação Pedagógica), que se dará a partir da articulação de ações entre três universidades públicas parceiras: Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal de Pelotas (UFPeI). O projeto estrutura-se a partir de encontros quinzenais e todas as edições do SIP foram elaboradas a partir da ênfase “inovação pedagógica”, no mesmo viés dos estudos e pesquisas de um grupo de pesquisa, o GRUPI (Grupo de Pesquisa em Inovação Pedagógica na Formação Acadêmico-Profissional de Profissionais da Educação), em que os membros da equipe executora do SIP fazem parte e aprofundamos questões de inovação pedagógica, que são concebidas por:

um conjunto de intervenções pedagógicas criadas por decisões coletivas e participativas, com intencionalidade deliberada para gerar mudanças nas estratégias de construção ou organização de conhecimentos que se alinham às transformações histórico-sociais necessárias aos fins pretendidos (MELLO; SALOMÃO DE FREITAS, 2017, p.1800).

Nessa direção, acreditamos na inovação pedagógica numa perspectiva emancipatória, edificante, não restrita ao uso exclusivo da TICs e através do protagonismo do discente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Gadotti (2017, p. 4) “A Extensão realiza, por excelência, o sentido da universidade, já que tem uma função integradora e articuladora da vida universitária como um todo”. Assim, atualmente, realizamos ações para organização e preparação do evento, analisando edições anteriores do Seminário de Inovação Pedagógica a partir da leitura de Anais, além de estudos e pesquisas aprofundadas para a apropriação de ferramentas virtuais que auxiliarão no desenvolvimento da confraternização remota.

É a partir da troca em redes que ocorre a ampliação da valorosa indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão dentro da Universidade, e para além de seus muros, traz a possibilidade do crescimento e implementação da cultura social baseada nos princípios de densificar e qualificar, para então democratizar os conhecimentos através da pesquisa (GADOTTI, 2017).

Além disso, a partir do diálogo entre experiências e novas possibilidades educativas entre professores iniciantes e experientes, em coletividade com a universidade e a escola de educação básica, cria-se um ambiente democrático

para a transformação da realidade social e humana a partir do ensino (MELLO; SALOMÃO DE FREITAS, 2017).

De maneira não assistencialista, a extensão proporciona a conexão da universidade com a comunidade, e assim sendo, faz emergir o espaço de formação de futuros professores conscientes, consolidando a relação teoria-prática, abrindo horizontes e semeando ideias para práticas renovadoras, que exigem

uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação trans-formadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (FREIRE, 1983, p. 16)

4. CONCLUSÕES

Contudo, o projeto de extensão tem oportunizado um espaço formativo por impulsionar a pesquisa de práticas pedagógicas inovadoras para estratégias de mudança na construção de uma educação democrática baseada no diálogo, na coletividade e em uma docência reflexiva continuada para qualificações no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. É a partir de ações extensionistas deste caráter que se torna possível uma formação acadêmica integral, buscando, desde as concepções iniciais do processo formativo docente, o interesse pleno em participar ativamente das mudanças, tanto curriculares como sociais, consideradas necessárias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALCIN, L. AUGUSTI, R.B. O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como paradigma de uma universidade socialmente referenciada. **ELO - Diálogos em Extensão**, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 38-49, 2016.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 24v.

GADOTTI, M. Extensão Universitária: Para Quê? **Instituto Paulo Freire**, São Paulo, p. 1-16, 2017.

GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997. 8v.

MELLO, E. M. B. SALOMÃO DE FREITAS, D. P. A formação docente no viés da Inovação Pedagógica: processo em construção. Anais... [recurso eletrônico] / **XXVIII Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação: estado, políticas e gestão da educação: tensões e agendas em (des) construção**. João Pessoa - PB, 2017, p. 1793 - 1802.